



**PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E  
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTERDISCIPLINARES**

**GRAZIELE BATISTA MAIA**

**A INFLUÊNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO  
DESENVOLVIMENTO FORMATIVO DOS ALUNOS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**JOÃO PESSOA – PB  
2014**

GRAZIELE BATISTA MAIA

A INFLUÊNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO  
DESENVOLVIMENTO FORMATIVO DOS ALUNOS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra

JOÃO PESSOA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M216u Maia, Grazielle Batista  
A Influência da Biblioteca Escolar no Desenvolvimento  
Formativo dos Alunos do Ensino Fundamental [manuscrito] /  
Grazielle Batista Maia. - 2014.  
58 p. nao

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Letras".

1. Leitura. 2. Biblioteca escolar. 3. Linguagem. I. Título.  
21. ed. CDD 372.4

GRAZIELE BATISTA MAIA

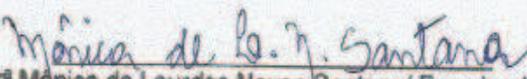
**A INFLUÊNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO  
DESENVOLVIMENTO FORMATIVO DOS ALUNOS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação, Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 06/dezembro/2014

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra / Orientadora/UEPB

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica de Lourdes Neves Santana / Examinadora/UEPB

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Suely da Costa / Examinadora/UEPB

JOÃO PESSOA/PB  
2014

Aos meus pais, pela paciência.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai e minha mãe, pela paciência que tiveram.

À professora Rosilda Alves Bezerra por ter aceitado orientar este trabalho.

Aos meus colegas de sala, por terem tornado mais fácil esta caminhada.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e a ampliação do pensamento e conhecimento.

À Coordenação do Curso de Especialização, por sempre estarem dispostos a ajudar e tirar dúvidas.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando foi necessário.

“Nada vai te acontecer, não tema  
Esse é o reino da alegria”.  
(Mombojó)

## RESUMO

O trabalho em vista exhibe um estudo que observa a influência da biblioteca escolar no desenvolvimento formativo dos alunos do ensino fundamental. Para isto, inicialmente, trata de expor uma análise sobre a evolução histórica da linguagem, até mostrar como ela se apresenta atualmente. Posteriormente, analisa-se também o surgimento histórico da comunicação e suas hodiernas atribuições no sistema de interação dos jovens. Apresenta-se, ainda, a união das funções das duas ideias, demonstrando a intimidade com que estas trabalham juntas para melhor instruir o vocabulário estudantil. Por conseqüência, quer mostrar a relevância do exercício dos profissionais da biblioteca, sobre as atividades escolares. Reconhece as dificuldades presentes no sistema atual das escolas públicas, com espaços pequenos e funcionários não treinados da melhor forma. Comprova a importância da união entre os servidores da biblioteca, professores e diretores. Mostrando exemplos de melhora no rendimento escolar. As propostas que podem ser usadas para desenvolver o acesso à leitura foram apresentadas. Demonstrou-se a possibilidade do companheirismo da comunidade escolar e seus profissionais, trazendo somente benefícios aos estudantes, bem como à sociedade por consequência. A concretização da presente pesquisa viabiliza-se com o uso do método dedutivo, procedimento histórico e monográfico, além da técnica de coleta de dados documental indireta/bibliográfica. Assim, neste tom, definiu-se que é realmente necessária a influência da biblioteca no processo de aprendizado, pois desta forma procura-se diminuir um dos principais problemas da juventude, que é a falta de leitura. Por fim, sugere que o assunto analisado seja objeto de incentivo à mudanças que podem ser realizadas nas escolas.

Palavras-chave: Biblioteca; Linguagem; Comunicação.

## ABSTRACT

This task shows a study that observes the influence of the school library in the formative development of elementary students. For this, initially, treats to expose an analysis of the historical evolution of language, until shows how it currently presents. Posteriorly, it also analyzes the historical emergence of communication and their assignments in today's youth system interaction. It also presents the union of the functions of the two ideas, demonstrating the intimacy with which they work together to better instruct the student vocabulary. Consequently, wants to show the relevance of the exercise of professional library, on school activities. Recognizes the difficulties present in the current system of public schools, with small spaces and staff not trained in the best way. Proves the importance of unity among workers at the library, teachers and principals. Showing examples of improvement in school performance. Proposals that can be used to develop the access to reading were presented. Demonstrated the possibility of companionship of the school community and it's professionals, bringing only benefits the students as well as to society as a consequence. The concretion of the present research is feasible with the use of the deductive method, historical and monographic procedure, and the technique of collecting data documentary indirect/bibliographic. Thus, in this tone, it was defined that the influence of the library in the learning process is really necessary, because this way seeks to reduce one of the main problems of youth, which is the lack of reading. Lastly, it suggests that the subject analyzed be incentive object to changes that can be made in schools.

Keywords: School library; Language; Communication.

# SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>LINGUAGEM E SOCIEDADE.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>Origem Histórica .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2</b>	<b>A Linguagem dos Jovens em seu Meio Social .....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>A História da Comunicação .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2</b>	<b>A Comunicação dos Jovens Estudantes .....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>BIBLIOTECA .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1</b>	<b>Desenvolvimento Histórico .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2</b>	<b>A Biblioteca Escolar e a Leitura no Cotidiano dos Jovens .....</b>	<b>37</b>
<b>3.3</b>	<b>Mediação Profissional-Biblioteca-Aluno .....</b>	<b>44</b>
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Várias das pessoas que costumam frequentar a biblioteca da escola não conseguem compreender de que forma os estudantes chegariam a atingir saldos mais positivos em relação aos índices de desenvolvimento. Isso poderia acontecer caso estes aprendessem a utilizar melhor as bibliografias disponibilizadas, bem como outros materiais que podem ser encontrados no ambiente e seus muitos outros aspectos de interdisciplinaridade pedagógica proporcionados.

Os alunos, de acordo com a sua identidade, tem uma forma de comunicação bastante diversificada e estão sempre recebendo grandes quantidades de informações das mais diversas fontes. Para conseguir mais atenção dos alunos, alguns professores procuram desenvolver outras didáticas e, ao mesmo tempo, devem preocupar-se em direcionar aos jovens as formas mais adequadas para se analisar uma informação, qualquer que seja.

A função dos que trabalham com educação é exatamente buscar aproximar-se dos alunos através de sua comunicação e ao mesmo tempo incentivá-los a analisar da forma mais indicada todas as informações que a eles chegam. A biblioteca escolar, da mesma forma, não pode se desvencilhar desse objetivo. É por isso que a esta deve procurar um bom relacionamento com docentes e discentes, e isso será possível desenvolvendo um estudo sobre sua atuação.

Há meios apropriados e modernos no que se refere ao gerenciamento das escolas públicas, mas mesmo assim, muitas vezes nas que possuem biblioteca em suas dependências, que são maioria, não se dá a expansão necessária a sua potencialidade.

É uma característica da biblioteca escolar atuar como lugar de conexão, apresentando bases para o emprego da educação no ensino e de maneira estendida, tendo como objetivo formar alunos com o pensamento mais perspicaz e curioso, dispendo a mente no sentido de lidar com situações que lhes exijam mais que o habitual.

Os alunos necessitam ser incentivados para evoluir nas suas próprias maneiras de estudo, incluindo a ajuda da biblioteca, como lugar de interconexões que vai tornar possível a utilização de todas as contribuições de que necessitem.

É importante observar que as informações de modo geral se movimentam com cada vez mais facilidade. Os jovens são bastante atingidos por esse bombardeio de dados por estarem sempre conectados. Tal fato influencia na sua linguagem e forma de comunicação.

A leitura forma relações com diversos mundos, personalidades, pensamentos, informações e encaminha para o entendimento. Os alunos sentem a limitação em formular textos já quando se encontram na biblioteca, visto que está acostumado somente a copiar o que está a sua frente, sem desenvolver o costume de observar, entender e reformular com seu próprio vocabulário, que só tende a aumentar com o tempo dedicado à leitura.

Desta forma, conhecer as possibilidades ofertadas pela biblioteca não é útil apenas na escola, onde se consegue inspiração aos estudos da vida acadêmica, mas também no dia-a-dia dos alunos.

Neste trabalho, procurou-se pesquisar sobre a comunicação entre a biblioteca escolar, os professores e principalmente os alunos, estudando como aquela pode contribuir com o desenvolvimento estudantil. Levantar as possíveis ações que podem ser desenvolvidas para melhorar a linguagem e o vocabulário dos jovens.

É em razão da tamanha importância do tema pesquisado, que o objetivo principal deste trabalho foi estudar as bibliotecas de escolas públicas e analisar as situações, para entender como estas se comportam quando se trata de relacionar-se com todo o ambiente estudantil.

Assim, a presente pesquisa objetivou compreender os problemas encontrados para a chegada à biblioteca e sua utilização, com relação à coordenação de um aprendizado mais expressivo. Observa-se a necessidade de mostrar aos educandos que o seu discurso é crucial no momento de praticar o consumo e a produção do texto.

A metodologia utilizada no presente projeto para atingir conclusões das questões apontadas foi a dedutiva, visto que observou-se a estrutura da linguagem e comunicação dos estudantes, para posteriormente agregar as ideias a que se propõe a biblioteca e demonstrar o porquê da necessidade de maior atuação desta.

Como métodos de procedimento, empregou-se o histórico, devido a importância de se pesquisar acerca da evolução dos assuntos em tela ao longo dos tempos; e o monográfico, pois analisa-se um tema que demonstra ser bastante específico e relevante, tudo sendo procedido com a viabilização das regras metodológicas. Ainda, usou-se como técnicas de pesquisa a coleta de dados documental indireta/bibliográfica, já que as fontes de pesquisa abordadas foram sites consultados, artigos, livros e dissertações.

No referencial histórico, o presente trabalho foi discorrido através de três capítulos. O primeiro capítulo abordou de forma sequencial e lógica os conceitos, processos históricos e desenvolvimento da linguagem, bem como a utilização desta pelos alunos.

No segundo capítulo, foi feito o mesmo estudo com relação à comunicação, dando ênfase à dos estudantes, por entender ser necessário o uso dos significados para o desenvolvimento da ideia principal.

O terceiro e último capítulo demonstra as pesquisas em torno dos conceitos da biblioteca escolar com as suas variáveis, seu desenvolvimento histórico, como esta é avistada pelos estudantes, como eles a utilizam atualmente e o que pode ser incrementado para obter sua evolução. Foram explicadas possibilidades que permitem estudar os possíveis benefícios trazidos pela colaboração da biblioteca na formação do aluno.

## 1 LINGUAGEM E SOCIEDADE

A linguagem da sociedade é um código de comunicação. É essencialmente diversa das maneiras comunicativas de outras classes de animais, e bem mais profunda. Tem por base um leque de normas referentes a elementos para formação do seu sentido. O resultado é uma quantidade incerta de novas expressões que podem surgir de uma cifra fixa de símbolos. Notícia publicada na página virtual Metamorfose Digital, intitulada “Cada vez é mais reduzido o vocabulário dos adolescentes” (2008, p. 2), expõe: “Nós pensamos em palavras, pensamos em linguagem; de forma que a linguagem está diretamente relacionada ao pensamento.”<sup>1</sup>

A palavra linguagem tem origem francesa, *langage*, de acordo com o Dicionário de Comunicação, organizado por Ciro Marcondes Filho (2009, p. 97), a linguagem não se trata simplesmente de um apanhado de expressões articuladas verbalmente ou transcritas, mas inclusive de ações e figuras: “É o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas.” (VILARINHO, 2008, p. 1).

Há várias formas de dar vazão ao uso da linguagem, sejam elas verbalmente ou não:

A linguagem pode não ser verbal, ao contrário da verbal, não se utiliza do vocábulo, das palavras para se comunicar. O objetivo, neste caso, não é de expor verbalmente o que se quer dizer ou o que se está pensando, mas se utilizar de outros meios comunicativos, como: placas, figuras, gestos, objetos, cores, ou seja, dos signos visuais. (VILARINHO, ANO, p. 1).

Acerca das várias hipóteses de definições, Antônio Houaiss (1991, p. 32) se pronuncia: “Linguagem pode se referir tanto à capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação, quanto à uma instância específica de um sistema de comunicação complexo”. Ou seja, a linguagem verbal é assim chamada porque se utiliza do verbo para proporcionar

---

<sup>1</sup> Metamorfose digital. 04 abr. 2008. Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

coerência ao que se pronuncia na escrita ou na fala. São exemplos de linguagem verbal: cartas, reportagens, bilhetes, etc.

Além desses exemplos, segundo Vilarinho, “A linguagem pode ser ainda verbal e não verbal ao mesmo tempo, como nos casos das charges, cartoons e anúncios publicitários.” Pode significar o grupo de diretrizes que norteiam o seu uso. A semiose é responsável por relacionar símbolos com suas traduções.

Linguagem, como vocábulo, pode ter no mínimo duas definições principais: com sentido amplo, e com sentidos estritos. Na língua portuguesa, linguagem é usada no sentido geral e língua como um conceito particular. No francês, por exemplo, é feita a mesma diferença: “*langage e langue*”, como explicou John Lyons (1987).

Uma das definições que existem para a linguagem a enxerga primeiramente como a possibilidade que a mente humana tem de escolher o que quer fazer do ponto de vista linguístico, ou seja, aprender idiomas, elaborar e entender frases.

Tal definição dá importância ao todo linguístico em todas as pessoas, realçando as características biológicas das possibilidades humanas em levar a linguagem como uma exclusividade do cérebro. Esse pensamento entende ser a linguagem um incremento inerente ao homem.

No caso do sentido amplo, diversas traduções são passíveis de utilização com o objetivo de destacar aspectos distintos da linguagem. Estes significados levam a interpretações e utilidades diferentes, individualizando várias vertentes teóricas da língua.

Já um diferente significado para a linguagem, é vê-la como um grupo de sinais, que estão de acordo com normas da gramática. Tais normas trazem novas acepções quando harmonizadas. Este entendimento reforça o fato de que os dialetos do homem permitem ser descritos como estruturas fechadas, formadas com normas que trabalham com signos individuais e suas traduções, da mesma forma individuais.

A ideia pautada na estrutura linguística foi colocada inicialmente por Ferdinand de Saussure, que pregava a estruturação como sendo intrínseca para a maior parte das abordagens do estudo da língua hoje. Certos defensores deste pensamento apresentam um enfoque formal para analisar as partes da linguagem,

dando importância à formação de normas abstratas subjacentes que permitem entender-se para montar esqueletos de linguagem montáveis.

Noam Chomsky (1957) é o teórico mais importante que propôs a definição da linguagem como um grupo privado de passagens que podem ser formadas partindo de um certo conjugado de normas. A visão da estrutura é usualmente utilizada na lógica formal, semiótica, conjecturas da gramática ritual, mais direcionada à gramática descritiva.

Um próximo significado para linguagem é o desta representando um preceito comunicativo, permitindo que o homem compartilhe emoções. Este significado enfatiza a função que a linguagem tem socialmente, além de ser usada pelo ser humano para manifestar-se.

As doutrinas gramaticais de função esclarecem as composições da gramática com suas colocações de comunicação, e abrange suas armações na linguagem como fim de um procedimento adequado, que teve a gramática elaborada justamente para servir de conversação às pessoas.

A linguagem dos humanos é exclusiva em se tratando de outros estilos de comunicação. Admite ao homem formar infinitas frases com um número fixo de dados. Os signos e as normas da gramática são em maioria discricionários em qualquer linguagem. É o que explica a socialização como único meio de se adquirir o código.

Assim, a linguagem do homem tem uma composição robusta, exclusiva, feita para lidar com largos números de colocações, ultrapassando as mais diversas formas de estrutura de conservação. O artigo “A linguagem dos jovens” (2005, p. 2), publicado na página virtual Universia<sup>2</sup> completa: “A principal função da linguagem, tanto escrita quanto falada, é a comunicação entre duas ou mais pessoas.”

Há que se dar atenção ao conceito de família linguística, que significa um apanhado de idiomas que surgem de um dialeto anterior em comum.

Tanto a língua falada como a de sinais possui um sistema fonológico. Este direciona o modo como as imagens e os sons são organizados, para chegar até as expressões. Ainda, possui um sistema sintático, que trata de encaminhar os morfemas até as frases.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/27/481332/linguagem-dos-jovens.html>>.

Dialetos escritos fazem uso de sinais visíveis para formalizar as sonoridades, embora ainda sejam necessárias normas sintáticas que direcionem a feitura da definição, de acordo com a ordem dos vocábulos.

Vários linguistas enxergam a composição da linguagem como crescentes, para ter função de comunicações peculiares. Uma reportagem da revista *Veja* (1998, p. 36-39) afirmou que o homem obtém o manejo da língua de acordo com sua socialização quando criança, sendo que por volta dos três anos já conseguem desenvolver conversas tranquilamente compreensíveis.

A revista *Ciência Hoje* (2011, p. 1) também trata de teorias que enxergam a maior parte da linguagem como opção inerente, com sua maior porção codificada pela genética, ao mesmo tempo que outros a visualizam como uma estrutura em sua maioria pautada na cultura, que se adquire com o convívio social.

A fala demonstra-se fundamentalmente mutável. É possível que o histórico do desenvolvimento da língua seja refeito tendo como referência línguas mais atuantes, mostrando os atributos que as anteriores provavelmente tiveram para chegar às próximas fases de evolução.

As línguas mais utilizadas ao redor do planeta nos dias de hoje são: inglês, espanhol, português, russo e híndi (que fazem parte do grupo indo-europeu); chinês, mandarim e cantonês (família sino-tibetana); árabe, aramaico e hebraico (semíticas); suaíli, zulu e shona, dentre muitas usadas na África (grupo bantu).

Qualquer pessoa nos padrões de saúde vem ao mundo com programação de fala e inclinação inerente à linguagem. Os infantes absorvem a(s) língua(s) utilizada(s) pelos que estão na sua convivência. É complicado aprender tal procedimento.

Diz-se que adquirir a prima língua é a maior conquista que o homem pode conseguir na sua vida por completo. Mas, diferente de inúmeras formas de aprendizado, aprender a língua inexige instrução direta, nem ensino específico (LUFT, 2008, p. 37).

Assim que nasce, o bebê reage mais rápido à voz do homem que a sons diferentes. Ao completar um mês, pode ser apto a diferenciar vários ruídos da fala. Com seis meses, já ensaia emitindo sons. Logo, as crianças entendem e falam mais do que apenas as passagens ouvidas dos mais velhos.

Sem reproduzir exatamente como escutam, combinam outras frases que ouvem e desenvolvem mais ainda, estas inéditas. Assim cedo, os infantes

“inventam” suas citações. Segundo Celso Pedro Luft (2008, p. 43), a inventividade é característica da intitulada “gramática universal”, interiorada pelos pequenos.

Uma ideia de Noam Chomsky diz que a gramática universal usa a base da existência de certa gramática, intrínseca a todas as pessoas, independente da língua, que poderia fazer com que nenhum indivíduo escolhesse alguma composição absolutamente incorreta, dentre as inacabáveis convenções aptas da palavra (SCHWARTSMAN, 2006, p. 1-2).

As expressões surgem com 12 até 18 meses de idade. Um bebê de um ano e meio já utiliza aproximadamente cinquenta verbetes. As afirmações iniciais infantis são chamadas holofrases. São declarações que usam somente uma palavra para passar um pensamento. Meses após a produção das palavras, a criança começará a produzir orações sem certas partículas, encurtando as frases, diminuindo a complexidade gramatical relativamente à linguagem adulta, embora a composição da sintaxe esteja concreta.

Aos dois anos de idade, já contém a estrutura de base da língua. Aos três, chega perto do refinamento da língua dos adultos, tanto com a fala como na emissão de sinais.

A aptidão que o homem possui de passar entendimentos e teorias por via falada e escrita não se compara com nenhuma classe conhecida. As línguas dos homens, na maioria das vezes são referidas como idiomas naturais, assim a linguística toma porte de ciência, e se responsabiliza pelo estudo das línguas.

O desenvolvimento normal das línguas naturais é inicialmente a fala. Após isto vem a invenção da estrutura da escrita. Por fim, a gramaticalização, que tem por objetivo entender e explicar (RIBEIRO e AQUINO, 2011, p. 1-15).

A linguagem está em constante mudança. As línguas que interrompem suas mudanças e evoluções são caracterizadas “línguas mortas” (RIBEIRO e AQUINO, 2011, p. 1-15). Ao contrário, aquelas que mudam continuamente são as línguas “vivas”, ou modernas. Por isso é difícil para alguém que aprende outra língua que não a sua de origem, continuar atualizado.

Algumas vezes é impraticável estabelecer a diferença entre uma língua e outra. A mudança de uma língua para alguma diferente, de igual família, acontece em sua maioria aos poucos. Uns preferem comparar à biologia, onde se torna difícil estabelecer a diferença exata de um tipo para qualquer diverso. Nas duas situações,

o derradeiro problema é encontrar as bases de acordo com a convivência das línguas e suas civilizações.

Assim como a fala, a língua dos surdos, que utiliza sinais, também passa pelas mudanças culturais e pode variar de acordo com o local. Existe ainda a chamada “língua artificial” (OTHERO e MENUZZI, 2008, p. 35), onde as mudanças não ocorrem de forma natural, mas são dados intencionalmente, por motivos como facilitar a interação, dar mais vida à uma obra, dentre outros.

Às vezes a língua artificial é usada para dar mais significado a linguagens estrangeiras ou a alguma que tenha sido feita para verdadeira utilização da comunicação. A linguagem dos animais não é considerada uma linguagem real, pois estes não possuem raciocínio cultural (ANGELO, 2008, p. 1-3). Já a humana é bem mais profunda, pois a comunicação torna-se genuinamente uma linguagem, propriamente dita. A notícia “A linguagem dos jovens” (2005, p. 4), da página virtual Universia<sup>3</sup> completa:

A linguagem é uma capacidade nata ao ser humano, usada para a comunicação. Essa habilidade se manifesta por meio de sistemas linguísticos ou língua. A língua é o sistema que cada comunidade usa. Esse sistema vigente nas comunidades precisa ter um determinado equilíbrio ou as pessoas acabam não se entendendo.

Assim, observa-se como a linguagem dos homens é complexa e requer atenção nos seus estudos de maneira geral. Quando se encontram as distinções e especificidades de cada “grupo”, o estudo se torna ainda mais completo.

## 1.1 Origem Histórica

A aparição da linguagem se localiza no começo da pré-história humana. As importantes evoluções na fala não deixaram resquícios diretamente na história. Inclusive, não há como observar procedimentos parecidos atualmente. Alguns

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/27/481332/linguagem-dos-jovens.html>>.

observam os primatas procurando uma característica que possa ser comparada à qualquer espécie de elocução que os pré-humanos usassem.

Hoje, não se discute que a maior parte dos australopithecus não possuíam estrutura comunicativa essencialmente diversa das descobertas nos símios. As visões entre os estudiosos diferenciam com relação ao desenvolvimento na aparição do homo habilis, homo erectus e homo heidelbergensis.

A reportagem “África teria sido berço de toda linguagem humana”, da página G1 na internet (2011, p. 1)<sup>4</sup>, mostra que a história da evolução da língua, na forma por nós consolidada, se encontra com o homo sapiens sapiens na África, não tendo cem mil anos completos. Assim, acredita-se que o período demorado para chegar à grande diversificação de hoje nas línguas recentes, foi por volta destes cem mil anos.

A história do início da linguagem pode-se dividir de acordo com premissas de base. Teorias embasam a visão da linguagem de forma bastante difícil, impossibilitando os estudiosos de pensar em um surgimento sutil e finalizado, mas sim de uma evolução partindo de uma estrutura pré-linguística que existisse antes do homem. São as teorias embasadas na continuidade, que é seguida pela maioria dos pesquisadores, embora haja algumas variáveis quanto à evolução.

A visão contrária diz que a linguagem se distingue de qualquer outra que não seja do homem. Acreditam que apareceu de repente na passagem dos pré-hominídeos ao primitivo, são teorias da descontinuidade.

Aproximadamente de 3000 a 6000 línguas são utilizadas hoje pelo homem. Antigamente, esses números eram bem mais volumosos. O linguajar sofre alterações e se desenvolve constantemente.

Alguns estudiosos indicam que é provável que a linguagem tenha advindo da época que os primitivos hominídeos ajustaram os símbolos, que faziam parte de outros sistemas, ao pensamento, à intenção da mente.

Segundo artigo “Encontrado em Jerusalém o documento escrito mais velho da História”, publicado na página virtual do Estadão em julho de 2010<sup>5</sup>, a primeira escrita registrada de que se tem conhecimento da existência é a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/04/africa-teria-sido-berco-de-toda-linguagem-humana.html>> Acesso em: 11 jul. 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,encontrado-em-jerusalem-o-documento-escrito-mais-velho-da-historia,581057>> Acesso em: 21/01/2014

cuneiforme. Mas, alguns pesquisadores apostam que a língua escrita tenha surgido milhares de anos após a língua falada.

A utilização da linguagem enraizou-se nas tradições humanas que, além da comunicação, servia para dividir conhecimento. “Sabemos que o léxico é a parte viva de uma língua. Ele está em constante movimento. Palavras novas surgem, outras adquirem significados novos, enquanto outras deixam de ser usadas e, com isso, são esquecidas pelo falante”. (RIBEIRO, 2003, p. 2).

Estas novas palavras abrigam a real imagem da civilização de certo período; nelas “estão presentes novidades no que diz respeito à economia, à política, aos esportes, à arte, à tecnologia, à faixa etária”. (RIBEIRO, 2003, p. 2).

Com isso, oferecemos à linguagem o reconhecimento por possuir grande parte da responsabilidade pelas evoluções históricas no desenvolvimento do homem, tanto no convívio social quanto nas obras realizadas em prol de suas necessidades.

## 1.2 A Linguagem dos Jovens em seu Meio Social

É importante demonstrar a essencialidade da linguagem no dia a dia da escola. Renilda Gonçalves (2008, p. 7) observou que “a circulação da informação é fator de importância na linguagem e que a experiência discursiva dos usuários é fundamental para ajudá-los a tornarem-se mais conscientes da prática em que estão envolvidos como produtores e consumidores de texto”. O texto publicado na página eletrônica *Metamorfose Digital* (2008, p. 1)<sup>6</sup>, trata de como os jovens estão perdendo a possibilidade de evoluir seu acervo de palavras:

Em 20 anos caiu para mais da metade o número de palavras empregadas pelos jovens para comunicar-se e não são poucos os perigos que encerra esta preocupante realidade. Enquanto na década de 80 o vocabulário de um adolescente era composto por umas mil palavras, na atualidade mal chega a 350 e tudo leva a prever que o processo de deterioração continuará se agravando.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

Este fato não acontece somente com os adolescentes, já é decorrente de um deficiente estímulo às crianças. A notícia “Cada vez é mais reduzido o vocabulário dos adolescentes” (2008, p. 1), da página virtual Metamorfose Digital<sup>7</sup> demonstra: “Como em geral, a linguagem num adolescente, ao redor dos 16 ou 17 anos, é similar à linguagem que ele terá na idade adulta é correto afirmar que passará o resto da sua vida usando somente estas 350 palavras se não tentar incorporar mais.”

Isto se dá porque a idade de maior assimilação é a de infância. Depois desta fase, com o aumento da idade, diminui-se a capacidade de absorção de vocábulos novos.

Com relação à faixa etária, é importante estudar o caso dos adolescentes. Para eles, a criação de palavras novas ou de significados novos para palavras antigas reforça o desejo de autoafirmação e de não se fazer entender pelos que não pertencem ao grupo. (RIBEIRO, 2003, p. 02).

Porém, na realidade, o que consiste em algo que seria realmente bom, é o uso correto da língua pertencente à sua sociedade; para fazer-se entender sem dificuldades, sendo assim reconhecido por esta.

No intuito de conseguir mais atenção dos alunos, alguns professores buscam se adaptar à sua linguagem.

Não se pode dizer que alguma forma de se expressar estaria inerentemente incorreta. A ideia do correto ou incorreto constrói-se no meio social, e não nas formações linguísticas. Mas, o empobrecimento do vocabulário, ou a falta de sua evolução, influencia negativamente no desenvolvimento do pensar, como se explica na matéria da Metamorfose Digital (2008, p. 1-2)<sup>8</sup>:

Questões estéticas à parte, o fato mais perigoso desta situação é a estreita vinculação que existe entre o vocabulário e o pensamento, porque o homem pensa com palavras e graças a elas distingue determinadas realidades de outras. Sem palavras espera-nos um empobrecimento gradual do intelecto e, a partir daí, um maior estreitamento mental com sua consequente restrição da liberdade do pensamento.

---

<sup>7</sup> Metamorfose digital. 04 abr. 2008. Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

<sup>8</sup> Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

Assim, percebe-se perigosa a condição de não conseguir lidar da melhor maneira com as palavras, pois estas podem causar confusão nos processos de entendimento do pensamento humano. Ainda da mesma reportagem “Cada vez é mais reduzido o vocabulário dos adolescentes” (2008, p. 2)<sup>9</sup>, “se possuímos uma menor quantidade de linguagem, temos também um pensamento bem mais curto pois a pessoa que não tem uma boa bagagem de palavras não conseguirá se expressar bem, então também não conseguirá pensar direito.”

Da mesma forma, não se trata somente de “liberdade de pensamento”, mas da aptidão para pensar de maneira mais abrangente. O aumento do contato com o televisor, seus programas, e igualmente com as máquinas digitais, utilizados sem o acompanhamento ideal, faz com que a linguagem se torne carente, embora não sejam os únicos fatores que tornam este fato real. O artigo acima citado “Cada vez é mais reduzido o vocabulário dos adolescentes” (2008, p. 1), completa:

Há crianças de lugares marginais que terão um menor vocabulário porque seu meio também emprega poucas palavras e não porque não tenham possibilidades neurológicas ou biológicas. Mas, em geral, um garoto entre os 4 ou 5 anos de idade, assiste TV, vê, escuta e incorpora uma grande quantidade de vocábulos, ao redor de 2.500. Só que nos últimos anos as crianças iniciaram um processo de alteração de sua linguagem, por várias questões que levam à desvalorização da mesma, como por exemplo, utilizar certo tipo de gírias, o uso constante de programas de mensagens de texto ou o chat com suas imbecis abreviações somadas as abreviações americanizadas que muitos nem sabem o que significam. PROCURE O SOBENOME DO AUTOR DO ARTIGO. NÃO ENCONTREI. A PÁGINA É ESTA: [www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)

Ou seja, os jovens são muito influenciados pelas mídias. Consequentemente terão seu vocabulário moldado de acordo com esses meios midiáticos. “Tendo em vista que a adolescência é uma fase na qual ocorrem mudanças no corpo e na mente, é normal que estas condições físicas e mentais se reflitam na linguagem.” (RIBEIRO, 2003, p. 1). Por isso é importante observar a necessidade de influenciar os estudantes do ensino fundamental a procurar evoluir sua linguagem, pois é nesta fase da vida que se torna mais fácil o aprendizado.

---

<sup>9</sup> Site Metamorfose Digital. Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

Nesse contexto, a partir das considerações da notícia publicada no site Universia Brasil, intitulada “A linguagem dos jovens” (2005, p. 1)<sup>10</sup>, “não é apenas no mundo virtual que os jovens mantêm relações sociais. Diariamente ele é cobrado na escola, universidade ou no trabalho para que tenha o português impecável.” Demonstra-se assim, a necessidade de se adequar ao padrão da sociedade, pois nos ambientes que estão convivendo com seus semelhantes, acabam por fixar um dialeto que somente por eles será compreendido.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/27/481332/linguagem-dos-jovens.html>> Acesso em: 12 fev. 2014.

## 2 COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DOS EDUCADORES

A comunicação do homem é um procedimento que abarca transferência de dados e usa conjuntos de símbolos para servirem de base. Várias formas de comunicação estão interligadas neste procedimento: uma dupla de pessoas conversando uma com a outra, ou fazendo sinais, ou mandando textos virtuais.

É uma área científica que analisa as formas que os homens usam para executá-la. Apreende-se ainda que é a troca de dados entre pessoas ou coisas. Nesta visão, possui pontos de técnica, como a telecomunicação; de biologia, como a evolução; e da sociedade, como o audiovisual. Os educadores podem dispor dessas várias hipóteses para trabalhar com os jovens.

Faz parte da comunicação o assunto, quem emite, quem recebe, por onde ele passa, a forma usada, o retorno e o contexto do lugar onde aquela se deu. No local, o procedimento pode sofrer perturbações de barulho, e o entendimento do conteúdo corre o risco de ter sua interpretação alterada. Formalmente, é possível que a comunicação seja verbal, não verbal ou intercedida.

A conversação do homem evolui em áreas de distintas classes, de onde pode-se extrair duas notas: a comunicação em menor dimensão, e aquela em grande dimensão, que seria a comunicação massificada. Nas duas situações, o homem começou a usar mecanismos que foram ajudando a intensificar as ações de elaborar, mandar e receber a informação.

Falar ou escrever admitem a interação com o outro e, conseqüentemente, fazer qualquer oferecimento de informação. Atualmente é importante observar as modernas formas de comunicar: aquelas que utilizam sistemas de colaboração e redes híbridas, que unem a comunicação em grande escala com uma mais exclusiva.

Comunicação é uma área de estudos que pesquisa sobre os procedimentos da conversação do homem. Ainda se considera como definição a interligação de dados entre indivíduos ou coisas. Temos as ramificações das comunicações verbal, corpórea, digital e escrita. Suas diversas características fazem parte das pesquisas. Estas, sobre comunicação, são extensas. E seu emprego pode ser ainda maior.

Segundo a ciência geral dos signos, a Semiótica, a ação de se comunicar é a concretização das ideias em símbolos já experimentados pelos indivíduos abarcados. Tais signos são transportados e decifrados novamente de acordo com o entendimento de quem os recebe.

Matérias da área humanística como Sociologia, Filosofia, Psicologia e Linguística contribuem, através de seus cientistas, em estudos e proposições, para a chamada “Teoria da Comunicação”, que seria a junção de pensamentos sobre a conversação entre as pessoas, principalmente a mediata, como elemento da sociedade.

As teorias empregam importâncias diversas para cada elemento que compõe a comunicação. As primitivas alegavam que para qualquer sentença emitida, o receptor haveria de aceitar. Assim nasce a “Teoria Crítica”, que tem como função analisar a fundo a difusão de ideologias na interação massificada. Após essa época, inicia-se uma leva de julgamentos ao exemplo.

A alegação dos pesquisadores de Palo Alto é que os receptores possuem pensamento e só concordam com o que querem. Outro entendimento vê que, o que aquele que recebe entende, muda bastante de acordo com seus costumes, na visão mais dilatada possível.

Existem vários tipos de comunicação, como por exemplo a comunicação de massa, a segmentada, que é uma ramificação daquela, usando também os meios comunicativos básicos, mas procurando chegar a indivíduos característicos, e não a todos, de maneira geral. Há também, a comunicação crível, que utiliza um texto com base em informações palpáveis e com credibilidade.

Atualmente, há várias formas de se obter informações, tanto por jornais impressos, televisão, rádio, internet, que abrange sites, redes sociais, dentre outros. Em ocasiões nas quais as comunicações são feitas abrangendo alguma tecnologia entre os sujeitos, entende-se que é uma transmissão intercedida.

A ciência tecnológica começou a participar da comunicação dos homens da mesma forma que de todas as outras funções praticadas por eles durante sua evolução. Comunicação é um vocábulo de vasto entendimento e assim abre várias opções em diversas ramificações.

Com a aparição de recentes tecnologias, à exceção dos procedimentos refinados e aperfeiçoados que já existem, surgem frequentemente inovadoras opções, deixando as alternativas de comunicação mais adaptáveis.

Esse desenvolvimento no campo comunicativo é peça que complementa o progresso humano e da civilização, pois sabe-se que a comunicação é inteiramente ligada às acepções humanas. É suficiente falar que atualmente não é possível o humano abandonar suas percepções e sutilmente as trate com desdém, parando sua comunicação. É o mesmo que dizer que ele não pode estar distante socialmente.

Na realidade, todos olham por melhorar tais acepções. No sentido de acordar as pessoas para qualquer oferta ou objeto, precisa-se instigar as percepções, e para isso deve-se usar um tipo de comunicação. No caso de as acepções estarem aumentando e se desenvolvendo, pode-se concluir que para o homem social empenhar-se mais, acresce a dificuldade.

A sensibilidade das pessoas está cada vez maior, assim é preciso tanto esgotar as possíveis formas comunicativas, como praticá-las da forma mais certa, focando no indivíduo e no assunto indicado. E para acertar na comunicação, é necessário despender da linguagem certa também. Encontrar o contexto adequado para cada tipo de comunicação e saber a quantia apropriada de informação a trabalhar.

O sentido da palavra comunicação aumenta junto com o desenvolvimento tecnológico, tornando-se cada vez mais dinâmico. E após toda a influência, os indivíduos é que escolhem o caminho que querem seguir. Atualmente, eles se falam e interagem bem mais, pois percebem que é necessário. Os avanços tecnológicos permitem essa movimentação.

## 2.1 A História da Comunicação

Para dar aprofundamento ao estudo da comunicação, é importante que se considere seu desenvolvimento através dos tempos, que iniciou-se a partir da pré-história, onde os primitivos passaram a enviar mensagens por imagens pintadas nas pedras, bem como por linguagem corporal de sinais.

A civilização que se utilizava das cavernas para se abrigar, possuía um cérebro ainda bastante simplificado. Comunicavam-se por movimentos com as

mãos, formas de se portar, gritos e sons. Podem ser comparados a outros animais que não tem uma possibilidade mais apurada de se expressar.

Em alguma parte deste tempo, o homem das cavernas desenvolveu formas de relacionar coisas e sua utilização, criando objetos com intuito de empreendê-los na caça e sua própria defesa. Tais aprendizados provavelmente passaram aos semelhantes, com comunicação gestual e reprodução dos procedimentos. Esta considera-se a criação de uma forma inicial e simples de linguagem.

Com o passar dos períodos, esta conversação foi contraindo maneiras mais visíveis e desenvolvidas, tornando a comunicação mais fácil; não somente em meio aos pertencentes ao mesmo grupo, mas também entre grupos diferentes. Desta forma, “as primeiras comunicações escritas (desenhos) de que se têm notícias são das inscrições nas cavernas 8.000 anos a.C. O povo sumério, considerada a uma das mais antigas civilizações do mundo, já ocupava a região da mesopotâmia quatro séculos antes de Cristo.” (MACHADO, 2007, p. 1).

Tal civilização citada por Geraldo Magela Machado foi pioneira em utilizar desenhos nas pedras das cavernas, usando tintas. Pictografia esta que, da mesma forma, permitiu que os egípcios se comunicassem, em 3100 antes de Cristo. Os gregos a nomearam de “escrita sagrada”.

Tais desenhos, com simbologias, podiam significar coisas ou pensamentos absortos. Após, passou-se a usar os sinais para traduzir os fonemas que representassem a palavra relativa à denominação da coisa, e não mais esta propriamente em si.

Nesse sentido, Machado (2007, p. 1) desenvolve o seguinte argumento:

Uma das mais significativas contribuições dos sumerianos está ligada ao desenvolvimento da chamada escrita cuneiforme. Nesse sistema, observamos a impressão dos caracteres sobre uma base de argila que era exposta ao sol e, logo depois, endurecida com sua exposição ao fogo. De fato, essa civilização mesopotâmica produziu uma extensa atividade literária que contou com a criação de poemas, códigos de leis, fábulas, mitos e outras narrativas. É a língua escrita mais antiga das que se têm testemunhos gráficos. As primeiras inscrições procedem de 3000 a.C.

Diversos conhecedores iniciaram os estudos da comunicação em seus ensinamentos exclusivos dos assuntos das suas academias. O desenvolvimento como uma área específica dos estudos veio crescer por volta do século XX.

Exemplos de iniciadores neste ramo são Paul Lazarsfeld, Marshall McLuhan e Theodor Adorno. Desde então, se incrementa frequentemente com a evolução tecnológica e utilização da conversação e compartilhamento de dados. Nesse aspecto, para Machado (p. 1):

Um estágio moderno da comunicação humana foi a descoberta da tipografia (arte de imprimir), pelo alemão Johann Gutemberg, em 1445. Essa invenção multiplicou e barateou os custos dos escritos da época e abriu a era da comunicação social.

A Retórica - o domínio de falar em público e convencer – se fazia uma matéria indispensável para aprendizes da Grécia Antiga. A comunicação é um desenvolvimento que está sempre em andamento, nunca estagnada.

## 2.2 A Comunicação dos Jovens Estudantes

Sabemos que a comunicação não é feita somente falando ou escrevendo. Os alunos, de acordo com a sua identidade, tem uma forma de comunicação bastante diversificada. Mas, percebe-se que o seu vocabulário está cada vez menos refinado, pois como mostra artigo na página Metamorfose Digital (<<http://www.mdig.com.br/>>, 2008, p. 2)<sup>11</sup>,

(...), a realidade deixa transluzir nimbos no horizonte das próximas gerações de brasileiros, sobretudo num presente onde já não abundam jovens com capacidade de articular frases simples, dotadas de começo, desenvolvimento e fim, além de reter algo do que leram, entre outros erros que conformam o denominado analfabetismo funcional, um mal de nosso tempo.

Observa-se que os adolescentes possuem bastante dificuldade em redigir de maneira correta. O motivo tem ligação com o currículo do ler e escrever brasileiro.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

Nos anos 80 existiu um entendimento distorcido dos aplicadores das políticas públicas educativas, porque pensavam que não era certo retificar os estudantes para não refrear os registros. Assim, os alunos vieram a ter vários problemas para se adaptar aos moldes da ortografia.

Artigo intitulado “A linguagem dos jovens”, publicado na página virtual Universia (2005, p. 02)<sup>12</sup>, permite dar continuidade ao pensamento: “Nesse contexto, é necessário que os jovens saibam distinguir exatamente os momentos em que precisam usar a norma culta daqueles em que podem usar uma linguagem mais informal, ou mesmo o ‘internetês’. Esse é o ponto principal.”

A linguagem da internet é para ser utilizada somente neste espaço. Mas ela ainda acaba viciando o vocabulário, deixando cair no costume de usá-la o tempo todo, o que não é aconselhável. O estudante precisa adaptar a forma da redação para quem irá ler. Ainda, de acordo com a reportagem “A linguagem dos jovens” (2005, p. 03) acima citada: “[...] muitos professores de português estão assustados, achando que o internetês pode tomar conta das salas de aula e fazer com que os estudantes simplesmente desaprendam a norma culta da língua ou pior, nem aprendam.”

Os profissionais necessitam se utilizar da linguagem dos jovens em prol da boa comunicação, mas sempre procurando trabalhar sua evolução. Deve-se olhar pelo seu rebuscamento, ou seja, a melhora do vocabulário. A carência é no sentido de enriquecê-lo.

Tal modo de proceder tem como objetivo melhor preparar indivíduos para o mercado de trabalho ou a própria continuação acadêmica, dependendo da maneira como os futuros profissionais pretendem se destacar na sociedade.

Sabe-se que para incentivar o interesse é preciso desenvolver qualquer tipo de comunicação. Esta, entre os profissionais da educação e os alunos pode ser comparada àquela entre empresas e o público a ser atingido. Pois muitas delas ainda não conseguem aproximar-se dos seus objetivos.

O problema talvez esteja na falta de capacitação do profissional para exercer aquele trabalho, mostrando assim que o ato de comunicar exorbita a simples área de câmbio de dados. O especialista precisa possuir a visão da curiosidade e da

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/27/481332/linguagem-dos-jovens.html>>

técnica. Absorver a exclusividade e focar em um método organizado. Não se pode diminuir o universal ao consumo humano geral. É certo fazer um estudo do total para servir de instrumento de labor.

Esse estudo acontece em três etapas: uso dos sentidos, das emoções e do raciocínio. O tutor deve trabalhar com artifícios que nos seus pensamentos apontem para essas percepções, e priorizem ou rechacem qualquer característica no processo interpretativo.

Assim, é necessário saber a distinção entre “ver” e “olhar”. “Ver” é um movimento de reflexo, onde o indivíduo naturalmente nota a parte externa do objeto. “Olhar” é uma ação pensada, quando se presta atenção e instiga o pensamento. Não há uma troca do espontâneo pelo racional, mas fixa uma situação resolvida com o universo.

O instrutor precisa elaborar uma atitude correta, política e baseada na ciência, avançando sobre a letargia do “ver”, e da mesma forma o foco particular e isolado nas veracidades. Para formar de maneira hábil a conversação, o comunicador deve trabalhar a ideia de que comunicar não é só repassar os dados.

Versa-se sobre procedimento que constitui a afinidade do emissor com o receptor. Assim, o estudo deve superar a movimentação das informações (pontapé inicial) e cogitar a comunicabilidade acoplada. A movimentação do conhecimento não pode ser dividida.

A preocupação com a comunicação está cada dia maior porque as opções de intercâmbio cresceram bastante. E é isso que deve ser aproveitado pelos educadores.

O vocabulário do adolescente ocupa um lugar expressivo na língua portuguesa e, considerando que essa é uma fase complexa e de duração prolongada, é importante analisar a influência que seu vocabulário exerce na sociedade, pois seus termos, além de fazerem parte do linguajar cotidiano, podem interferir na comunicação. (RIBEIRO, 2003, p. 01).

Assim, não está dizendo que é necessário fazer com que os estudantes devam esquecer completamente suas formas particulares de comunicação. Mas deixá-los cientes que estão perdendo território de vocabulário e da própria comunicação com o mundo. É necessário mostrá-los que existem ocasiões diversas

onde cada uma requer uma postura diferente. E todos precisam estar preparados para lidar com elas.

### 3 A BIBLIOTECA E AS POSSIBILIDADES DE AMPLIAR CONHECIMENTOS

Biblioteca, no seu sentido clássico, está definida como um ambiente físico no qual se conservam exemplares destinados à leitura e estudos. De forma mais ampla, é qualquer lugar palpável, virtual, ou ambos, dedicado à uma coletânea de dados, anotados ou salvos em algum dispositivo tecnológico. Inclusive jornais e revistas, da mesma forma, podem fazer parte da biblioteca.

Com relação aos tipos de biblioteca, estas estão divididas em privadas ou públicas. As públicas dão acesso gratuito ao acervo e em algumas vezes pode-se tomar livros emprestados por tempo delimitado, dependendo da obra desejada, dentre outros requisitos.

O conceito das bibliotecas de acesso aberto é proporcionar à sociedade a possibilidade de se desenvolver, através de suas informações disponibilizadas. Como profere Antunes (2000, p. 79), há bibliotecas que já oferecem condições para que os usuários sejam incluídos digitalmente.

As bibliotecas privadas podem ser sustentadas por estabelecimentos de educação particular, de análise, fundações ou bons colecionadores. Autores e estudiosos normalmente tem vastas bibliotecas, que são usualmente adicionadas a faculdades quando do falecimento daqueles. Determinadas bibliotecas admitem pesquisas no seu conjunto, consentindo a estudiosos, acadêmicos ou qualquer que possua interesse à análise dos dados contidos em seu local.

As bibliotecas específicas dispõem de coletâneas de dados que abrangem assuntos especializados, a exemplo de direito, educação, saúde, etc. As pertencentes às comunidades estão, na maioria das vezes, em extensões de moradia ou periféricas, onde quase não conseguem ajuda dos governos.

Basicamente, as compilações de exemplares são divididas de forma a promover o encontro e a análise dos pesquisadores com os livros. Essa divisão pode satisfazer a vários juízos: por temas com suas ramificações, por autor em ordem alfabética, dentre outros. Não impedindo que se utilize mais de um sucessivamente.

Nice Menezes de Figueiredo (1979, p. 11), sobre o pensamento acerca das compilações presentes na biblioteca, expõe: “[...] uma parte que parece ser mais comumente avaliada é a coleção de livros e periódicos, provavelmente na suposição

de que a coleção é a melhor evidência tangível do que acontece numa biblioteca e do que uma biblioteca é [...].”

As bibliotecas universitárias servem aos acadêmicos e professores, bem como outros lugares educativos. Fazem parte de seu acervo, compilados referentes às disciplinas oferecidas nos cursos e aos campos de pesquisa dos estabelecimentos.

A bibliografia é principalmente pautada nas ciências e especializada, obrigatoriamente modernizada de forma constante, com obtenção permanente de vasta quantidade de exemplares circulares, sejam escritos ou virtuais.

A escolha do acervo é praticada fundamentalmente pelos dirigentes de cada setor. O bibliotecário geralmente não entra nessa seleção. Estes estabelecimentos possuem como finalidades essenciais unir a didática e a pesquisa, tratar com especificidade densa os dados, com sua organização em índice, e arranjá-los frequentemente com a modernidade.

As infantis ofertam uma multiplicidade de ações e legados com bibliografia voltada exclusivamente aos pequenos. Seu objetivo principal é instituir e deixar mais forte o costume de ler nos infantes a partir da branda maturidade, e construir intimidade destes com os diferentes exemplares, que tem potencial de turbinar seus momentos de diversão.

Pretendem acordá-los para as obras e o ato de ler, evoluindo suas condições de se articular, criar e idealizar. Nos hospitais, criou-se a ideia das bibliotecas com a ajuda do Ministério da Saúde, onde objetivam humanizar o auxílio aos enfermos. Visam tornar o tempo de internação menos solitários para aqueles, já que se encontram longe dos familiares, das pessoas queridas e de sua moradia.

Ainda, fazer da estada mais cultural, feliz, deixando menos lembranças ruins, diminuir momentos de amargura e aflição, aliviar a convivência com os profissionais da saúde e colaborar com o conforto corporal e psicológico dos pacientes.

Usuários são aqueles que frequentam o local: filhos, pais, moços, adultos, anciãos, etc. Da mesma forma, os que estão imóveis na cama, aguardando, em períodos passageiros ou livres de internação, parecer ou observação clínica.

Os que trabalham nesta área, inclusive por caridade, desempenham papel de intercessores entre as obras, os enfermos e a leitura, visto que a distribuem pelos diversos espaços das casas de saúde públicas do Brasil.

As bibliotecas do século XXI são mistas, ou seja, contêm ambientes, ações e coletâneas concomitantemente palpáveis e virtuais, onde as modernas inovações informativas e transmissivas começam a constituir alicerce da utilidade e da afinidade com o usuário.

Também a proporcionar ao indivíduo um grupo de dados que as novidades técnicas disponibilizam, de modo preparado e seletivo, permitindo mais agilidade ao caminho do conhecimento.

A gerência de uma biblioteca é realizada comumente por alguém formado no curso de Biblioteconomia. Chama-se bibliotecário(a). Adequado para administrar o completo ambiente, é destinado diretamente a cuidar do estoque. Possui entendimento apropriado para arranjar e liderar o conjunto de profissionais que organizam informações ou seus assistentes.

O método adequado prega que toda biblioteca, ainda se comprometendo no arquivamento dos dados antigos, precisa obter sempre informações atuais. Assumindo esta norma, a conquista de novos dados carece que seja feita de forma estabelecida, e assim obedece a uma configuração de aquisição das obras.

A escolha realiza-se considerando o acervo de documentos que há na biblioteca, com intuito de aperfeiçoar, e também combinada com as precisões de acordo com a modernização das compilações que já existem.

A literatura precisa ser escolhida adotando juízos de propriedade e custo, considerando o quanto será necessário ao usuário; embora se saiba que a maioria das bibliotecas recebam doações de todos os estilos de leitura.

Para realizar a obtenção de nova literatura deve-se avaliar o comércio das edições e vigiar suas inovações. O profissional do ofício das compras possui diversas portas que o ajudam a o conservar a par das novidades: tabelas de edições e das lojas, bem como opiniões divulgadas em revistas ou jornais.

Além disso, tem-se a ajuda norteadora do professor bibliotecário e dos outros que lecionam as diversas disciplinas. Estes realizam o arrolamento dos livros importantes, já no começo do ano, e remetem a lista para a biblioteca. O profissional averigua o que nela há de prontidão e desempenha a compra dos faltosos.

Da mesma forma, um passeio recorrente às lojas que disseminam os lançamentos ajuda a perceber quais seriam as propostas dos leitores. O método de compras dos livros pode ser dividido em cinco fases: solicitação, pesquisa, averiguação bibliográfica, pedido e entrada.

A solicitação dá-se quando é requisitada a obtenção de livros novos. Na pesquisa, o profissional precisa procurar nos arquivos da biblioteca se já existe algum dado referente no acervo e, da mesma forma, se já foi realizado qualquer pedido, com objetivo de impedir a repetição da obra e a perda de capital.

A averiguação bibliográfica ocorre antes do pedido da obra. É conferida a sua disponibilidade. Permite que se saiba o preço presumível do documento com a checagem deste em lojas diversas, bem como a provável época do recebimento da encomenda.

O pedido precisa ser realizado para as lojas ou atacadistas, em um molde já existente no ofício onde exista inerentemente as imediatas informações: nome do criador, da obra, do responsável pela edição, do lugar e data desta, dentre outras. O requerimento é efetivado impresso, sendo fax ou correios convencionais, mas também pela internet.

No ingresso do livro na biblioteca, são examinadas detalhadamente as características de referência, analisando se há obras de mesmo nome ou edição, embora com autor distinto, o que faz delas absolutamente diversas. Também é conferido o comprovante que vem junto com o pedido, dando ênfase aos valores descontados e pagos no final. Após confirmada e subscrita, a guia é enviada ao setor financeiro e aos tesoureiros para quitação.

Há que se lembrar que o processo teórico do funcionamento da biblioteca nem sempre funciona como o que foi descrito:

Sabe-se que as dificuldades enfrentadas para equipar a biblioteca escolar são significativas, e que a falta de recursos pode comprometer a qualidade dos serviços e produtos de qualquer segmento de uma instituição, mas é na biblioteca que se percebe que esses recursos demoram a chegar. (GARCEZ, 2007, p. 1).

Mostra-se assim a importância que a biblioteca tem no desenvolvimento da sociedade e que é necessário plantar este conhecimento no cotidiano de todos, para que cada vez mais haja interesse e investimento neste método de eterno aprendizado e educação que é a leitura.

### 3.1 Desenvolvimento Histórico

Arrecadar e conservar as informações científicas, a história dos povos ao longo dos tempos e seus conhecimentos desenvolvidos, não é uma fácil empreitada, pois as mudanças entre o surgimento e a derrocada de civilizações é fator que ocorre constantemente.

A civilização deu início à sua propriedade na escrita e acolheu o desenvolvimento das bibliotecas. As primordiais de que se sabe da existência são as conhecidas por “minerais”, que possuíam estoques de pedaços de argila.

Posteriormente, vieram as bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses, onde os pergaminhos e os papiros eram produzidos com material retirado dos animais e vegetais. Após esse período, com o surgimento do papel feito pelos árabes, as bibliotecas iniciam sua formação a partir deste, para depois ser constituída de livros.

Até então, crê a maioria dos estudiosos que a biblioteca do rei Assurbanipal, do século VII antes de Cristo, seja a que possui mais tempo de existência. Seu arquivo era no estilo mineral, com as escritas cuneiformes, feitas em material de argila.

A mais conhecida era a de Alexandria, situada no Egito, com cerca de 40 a 60 mil escritos manuais nos papiros, que por sua vez chegou a 700 mil volumes. Ficou famosa não somente pelo seu imenso número de documentação, mas também pelos três amplos incêndios que enfrentou.

Exemplos de diversas grandes e importantes bibliotecas são a de Pérgamo, que havia sido anexada à de Alexandria antes do seu estrago; a de Nínive, na Mesopotâmia; e as judaicas localizadas em Gaza. As bibliotecas da Grécia que tinham mais importância eram as dos teatrólogos e filósofos, ou seja, particulares.

Com o passar do tempo, é razoável dividir o desenvolvimento das bibliotecas da forma subsequente: as da antiguidade, que não davam acesso às pessoas; santuários e castelos, pois religião era função dos eclesiásticos, assim só eles podiam ler. Conhecimento era bendito. Usava-se pedaços de barro, papiros ou pergaminhos até próximo do ano 300.

Após, surgiram as bibliotecas comunitárias, as quais a quantidade cresceu nos recentes anos. No Brasil, aumentou-se o modelo simples para tomar

livros emprestados: não são necessários servidores; o indivíduo elege o exemplar de seu desejo, escreve o título e leva o livro. Quando possível, o devolve. É uma forma de exercer o direito do cidadão, bem como o juízo do encargo das pessoas em restituir.

Isso acontece na cidade de Campanha, Minas Gerais: uma organização não governamental preparou bibliotecas em alguns lugares específicos do município, as quais pessoas podem entrar a qualquer momento.

Ainda, as bibliotecas do tipo monacais, que pertencem aos mosteiros e catedrais. Os mosteiros se apresentaram bastante importantes nesta função, pois os monges copiadores salvaram muito das tradições gregas, romanas, celtas, nórdicas e cristãs, tanto da antiguidade como da época medieval. Por consequência, inclusive, nasceram as chamadas Escolas Monacais, que eram adjuntas aos mosteiros e conhecidas como amplos núcleos de cultura.

As bibliotecas universitárias foram as próximas. A criação das universidades foi considerada um grande episódio, pois direcionou a sina dos homens e dos livros. As bibliotecas da realeza, dos grandes senhoris, vieram depois a ser oficiais ou compartilhadas. A que mais se destacou foi a de Carlos Magno (768-814).

Ainda pode-se citar a vinda das infantis, com o objetivo de despertar nas crianças o gosto pela leitura; das hospitalares, visando aliviar a estadia dos que ali estejam ou frequentem; e as do século XXI de maneira geral, que se associam aos avanços tecnológicos para oferecer cada vez mais opções aos usuários.

A ideia de acessibilidade para bibliotecas começou a tomar forma no século XVI, transformando-se mais civilizado e intelectual. Assim deu-se a democracia dos dados e especializou-se em diversas áreas científicas. As do século XXI sucessivamente resistem aos distintos padrões da tecnologia, a partir da produção da grafia, atravessado a imprensa, até atingir a presente situação, onde convivem as clássicas e as bibliotecas contemporâneas.

As bibliotecas mais conhecidas no Brasil estão no Rio de Janeiro, que é a Biblioteca Nacional e Pública, e em São Paulo, sua Biblioteca Municipal. A do Rio de Janeiro, tinha como componentes exemplares de Dom José I, rei de Portugal, e Dom João VI os trouxe até aqui.

Atualmente, as bibliotecas estão se moldando aos procedimentos evolutivos da tecnologia de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Uma das

qualidades mais visíveis do seu destino será a possibilidade de espalhar dados com diferentes estabelecimentos, e não mais somente a preocupação com a quantidade de livros.

Embora continuem bem fortes, acredita-se que os volumes componentes da maior fatia das bibliotecas farão parte do conteúdo inserto em objetos de multimídia num amanhã bastante adjunto. Um bom exemplo é o país de Portugal, que no ano de 2013 possuía 510 bibliotecas pátrias oferecendo técnicas informativas, com conceito maior que o conjunto nacional.

Acima de 90% das bibliotecas abertas de Portugal contém máquinas com conexão à rede, sem tarifas. Destas, 60% são sem fio. Em 2012, 12% dos portugueses as utilizaram, ou seja, um milhão de pessoas. Entre eles, 14% usou as máquinas para acesso gratuito. De acordo com a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, são 194 bibliotecas de núcleo, que ficam nas sedes das cidades. Estas gastaram, em 2011, 215 mil euros individualmente; 42 milhões ao todo. 77% somente para seus profissionais (TOMÁS, 2013, p. 1).

Com todas essas informações sobre atitudes tomadas por outros países com relação aos investimentos direcionados às bibliotecas, observa-se a importância que se deu ao longo dos tempos à leitura. Pois deste os primórdios das civilizações considera-se importante a busca pelo conhecimento.

### 3.2 A Biblioteca Escolar e a Leitura no Cotidiano dos Jovens

É visível o valor que a biblioteca tem em uma escola. O quanto pode-se influenciar positivamente através desta. Mas da teoria, até alcançar a prática é um caminho longo. E que nem todos se dispõem a dar atenção, pois como a maioria dos aspectos que abrangem a educação, este objetivo também não é fácil.

Pensar sobre a importância da biblioteca escolar hoje para o processo de ensino-aprendizagem constitui repensar a própria prática na escola. Isso porque sabe-se que a biblioteca guarda os mais diversos tipos de livros que, teoricamente, estão todos à disposição do aluno sempre quando precisar. (BARRETO, 2008, p. 1).

A realidade das bibliotecas de escolas públicas não é exatamente a mais animadora. Muitas vezes não é nem lembrada ou utilizada, tanto pelos alunos quanto pelos demais funcionários da escola e comunidade em geral. Não é utilizada como local de atividades educativas e acaba se tornando abandonada.

PIMENTEL (2007, p. 89) ensina um dos primeiros passos a seguir com relação aos usuários da biblioteca: “Conhecer quem frequenta a biblioteca da sua escola é muito importante. É por meio desse conhecimento e convivência que o mediador de leitura planeja suas atividades de leitura”. Importante é saber também se o grupo que faz parte da escola sente a ausência de atenção para com a biblioteca escolar.

Os livros componentes da biblioteca, da mesma forma, devem ser variados, ou seja, esta deve conter exemplares literários, da didática, paradidáticos, revistas, jornais, material digital, em quadrinhos, etc. Muitas vezes a maior parte do acervo é doado, o que pode fazer com que este não seja completamente aproveitado, dependendo do público alvo da escola.

É útil observar o público que costuma frequentar a biblioteca, procurar saber as idades, os interesses, as atividades que gostam de realizar, e conseqüentemente formar um perfil de gostos por leituras específicas. Assim o desenvolvimento do trabalho e do estudo fica mais completo. Graça Pimentel (2007, p. 89) completa:

Você deve saber a idade, a escolaridade, a relação de cada um com a leitura, o espaço que ela ocupa nesse meio e sua influência na formação dos estudantes. Você poderá investigar também as particularidades da comunidade em que o aluno ou o usuário está inserido, a cultura local entre outras informações.

A ideia dos objetivos das bibliotecas infantis poderia ser aplicada a todas as pertencentes a escolas; pois os alvos de incentivo à leitura devem atingir a todos os públicos estudantis, sejam do ensino primário, fundamental ou médio. Como KUHLETHAU (1999, p. 13) explica:

Para uma aprendizagem baseada no questionamento, usar a biblioteca e seus recursos, não é uma atividade adicional,

esporádica, e sim o próprio cerne do projeto pedagógico. O questionamento é uma forma de aprender e os recursos na biblioteca e o processo de pesquisa são componentes essenciais neste processo.

De acordo com Maria Solange Pereira Ribeiro (1994, p. 61), a biblioteca da escola precisa permitir o “acesso à literatura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos”, e da mesma forma dar “apoio informacional ao pessoal docente”.

Sobre as funções que são realizadas pela biblioteca, a Associação Internacional de Biblioteconomia Escolar (International Association of School Librarianship - IASL, 1993, p.1), em sua declaração política, dispõe:

A biblioteca escolar funciona como um instrumento vital do processo educativo, não como uma entidade isolada do programa escolar mas envolvida no processo de ensino-aprendizagem. As suas metas podem traduzir-se nas seguintes funções:

- **informativa** – fornecer informação fiável, acesso rápido, recuperação e transferência de informação; a biblioteca escolar deverá integrar as redes de informação regionais e nacionais.

- **educativa** – assegurar a educação ao longo da vida, provendo meios e equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem: orientação presencial, selecção e uso de materiais formativos em competências de informação, sempre através da integração com o ensino na sala de aula; promoção da liberdade intelectual.

- **cultural** – melhorar a qualidade de vida mediante a apresentação e apoio a experiências de natureza estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento à criatividade e desenvolvimento de relações humanas positivas.

- **recreativa** - suportar e melhorar uma vida rica e equilibrada e encorajar uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação na utilização dos tempos livres.

Ainda sobre os objetivos da biblioteca, Renilda Gonçalves do Amaral (2008, p. 15) manifesta o seu pensamento:

A biblioteca escolar como centro integrador deve oferecer apoio para a função educativa na escola e é indispensável à educação em geral, contribuindo para a formação de estudantes críticos e abertos a ponderações. Os educandos precisam ser motivados a avançar na

sua autonomia didática com o apoio da biblioteca, como o centro de interfaces que vai lhes permitir fontes de subsídios de que precisam.

Assim, observa-se que a biblioteca é um espaço que pode ser destinado a várias atividades educativas, e ao mesmo tempo transformar a experiência dos alunos com a leitura mais produtiva e prazerosa.

O Manifesto IFLA/UNESCO (2005, p. 02) afirma que a biblioteca escolar deve ofertar “oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento [...]”.

Desta forma, visualiza-se que tais espaços não devem ser considerados apenas como um empório de livros, mas segundo PIMENTEL (2007, p. 22), “elas devem ter seu foco voltado para as pessoas no uso que essas fazem da informação oferecendo meios para que esta circule da forma mais dinâmica possível”.

Outro fator que afasta a atração pela biblioteca é a falta ou a tardança em equipá-la com aparatos tecnológicos, pois “somados à falta de investimento em fontes impressas, contribuem para que a aprendizagem se concentre no livro didático, no acervo pobre e desatualizado e na fala do professor.” (GARCEZ, 2007, p. 4).

A autora acrescenta: “Na verdade, o que se defende é que o usuário da biblioteca escolar possa conviver com as mais variadas mídias, a fim de resolver questões relacionadas à informação e desenvolver competências e habilidades no manuseio dessas informações.” Lembrando que toda ação deve ter a orientação do profissional.

Um fato não positivo bastante visível nos nossos acervos é evidenciado por GARCEZ (2007, p. 3):

A realidade da biblioteca escolar tem mostrado que a falta de recursos é fator decisivo para que a coleção vá se formando quase que exclusivamente por doações, o que, na maioria das vezes, têm comprometido a qualidade e afastado os leitores, quer pela baixa atratividade do material, quer pela inexpressiva relevância do mesmo.

Isso não quer dizer que as doações não sejam bem vindas, ou seja: com uma boa triagem, pode-se aproveitar muitas obras, embora não seja viável depender

somente de doações para manter uma biblioteca. Lembrando também, que os alunos muitas vezes preferem ler livros que se tornam famosos pelo seu número de vendas, mas que na verdade não contribuem da melhor maneira com um crescimento intelectual e/ou cultural.

Mais um ponto que merece importância é o local e a atmosfera da biblioteca, pois estas também refletem um bom nível de ofertas de atividades, influenciando no conforto e bem-estar dos profissionais e frequentadores. BORBA (2000, p. 42) oferece seu juízo: “É importante que o local onde se realiza a troca de informações biblioteca seja agradável e convidativo [...]”

Segundo GARCEZ (2007, p. 4), “Com relação ao ambiente externo, recomenda-se que a biblioteca esteja situada em local que favoreça a sua visualização. Deve ser ponto de referência dentro da unidade escolar, pois sendo vista, será lembrada e frequentada.” Sendo necessário que o recinto possua lugar adequado para habitar livros, alunos e profissionais, com espaço para acomodar todos.

A autora ainda acresce (p. 13): “[...] a comunidade escolar tem percebido a falta de investimentos na Biblioteca pelo pouco espaço existente, pelo acervo pequeno e desatualizado e pela falta de acesso à *Internet* [...]”. Esta é a realidade atual da maioria das bibliotecas de escolas públicas, que precisa ter mais atenção para reverter tais fatos.

Outra realidade é o uso da biblioteca para manter alunos como punição, o que também não é indicado. Biblioteca não é local para castigos de disciplina. Cintia Barreto (2008, p. 1-2) explica:

A biblioteca, não raras vezes, é palco de punições. Basta um aluno atrapalhar a aula de um professor que logo é enviado, sem aviso prévio, à biblioteca ou à sala de leitura. [...] Alguns professores exigem que os alunos que não estão em sala de aula sejam castigados na biblioteca. Essa postura contribui para fazer da biblioteca a grande vilã da escola.

Felizmente, aos poucos, a comunidade escolar vai percebendo a real função da biblioteca e direciona-se para fazer com que esta consiga exercer seu verdadeiro papel junto à escola, de forma integrada. A Declaração Política da Internacional Association of School Librarianship (IASL, 1993, p. 1) completa:

A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem da escola e promove-os através dum programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes.

Por isso, é necessário desenvolvê-la, disponibilizando cada vez mais possibilidades para que os frequentadores a utilizem das mais diversas formas possíveis, aumentando o incentivo à sua utilização. No ano de 2013, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Isabel Maria das Neves, localizada na cidade de João Pessoa/PB, que atende alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, foi realizado um projeto chamado “Biblioteca Itinerante: Se Maomé não vai à leitura, a leitura vai a Maomé”.

Tal projeto consistia em aproveitar as aulas vagas dos alunos, casos em que o professor da disciplina da grade estivesse ausente por qualquer motivo. As profissionais da biblioteca escolhiam alguns exemplares de livros e os levaram até a sala de aula. Pois muitos alunos não tinham o costume de frequentar a biblioteca. Assim, foi permitido que muitos deles iniciassem o hábito da leitura.

Caso os alunos não conseguissem terminar a leitura em apenas uma aula vaga, era realizado lá mesmo o empréstimo. Da mesma forma que se faz no setor da biblioteca. Isso fazia com que os alunos, em algum momento, precisassem voltar ao ambiente. Pelo menos para devolver o livro que lhe foi emprestado. Várias vezes acabavam por escolher outro livro, fazer um novo empréstimo, e dar continuidade a um lindo ciclo de hábito cultural.

As profissionais fizeram parceria com a professora de língua portuguesa da escola. Os alunos tinham a opção de fazer resumos, interpretações, paródias ou críticas dos livros que liam. Aos que concretizavam esta atividade, recebiam bônus nas notas da disciplina. Foi observado, que independente da feitura dos textos, a maioria dos frequentadores assíduos da biblioteca tiveram aumento em suas médias na matéria.

Além deste projeto, as responsáveis pela biblioteca da EEEF Isabel Maria das Neves, no início do ano de 2013, organizaram as estantes com os tipos de leitura diferentes, valorizando as histórias mais procuradas pelos estudantes, ou

seja, romances e suspense/terror. Dentre outros, havia a seção dos clássicos, quadrinhos, poesias e enciclopédias.

Renilda Gonçalves do Amaral (2008) realizou uma pesquisa em que procurou observar como se dava a relação entre os professores e alunos, mediada pela Biblioteca Juscelino Kubitschek de Oliveira, no Centro de Ensino Fundamental 03 de Brasília.

Seu estudo permitiu aprofundar os conhecimentos sobre como é realizada a gestão dos serviços informativos na escola referida. “Pretendeu-se, com este estudo, entender as dificuldades de acesso e uso adequado da biblioteca [...] no contexto da organização da aprendizagem significativa.” (p. 15). Procurou-se verificar, com dados numéricos e axiológicos, se os frequentadores escolheram seguir pelo caminho da informação para evoluir na área social e da educação.

*As variáveis espaço e acervo, utilização de livros para lazer, frequência de utilização, recursos disponíveis, tecnologia e participação da Biblioteca Escolar no processo pedagógico permitiram construir o Índice de aceitação da biblioteca e refletir sobre a possibilidade de interferência da biblioteca escolar pública na pedagogia e nas mudanças na educação. (AMARAL, 2008, p. 16)*

A pesquisadora estudou o porte da biblioteca em questão e como esta contribuía “na formação integral” do aluno, de acordo com a forma que este processa a informação, bem como observou a configuração gerencial desta. Tal pesquisa foi viabilizada observando-se a movimentação da biblioteca diariamente. Renilda (2008, p. 19) procurou “identificar os obstáculos que impedem o fluxo da informação [...]”.

Concluiu que “a comunidade escolar reconhece este espaço como um organismo necessário ao processo ensino-aprendizagem, no entanto não o percebe vivo e atuante” (AMARAL, 2008, p. 78); ou seja, infelizmente a biblioteca objeto da pesquisa não estava atingindo o ideal de incentivadora de estudos. Consequentemente, não exerceu a tarefa de modelar a informação recebida pelos usuários em conhecimento propriamente dito.

Com estas informações, Renilda ultimou seu trabalho afirmando a necessidade de a biblioteca tomar uma posição mais ativa dentro da comunidade escolar, utilizando todas as atividades e “os recursos necessários para promover a

educação” (p. 78), pois os frequentadores estão vigilantes com intenção de evoluir as funções do local, tornando-o indispensável.

### 3.3 Mediação Profissional-Biblioteca-Aluno

Procura-se conhecer aqui, como os indivíduos absorvem os dados recebidos e como os desenvolvem no ambiente escolar, pois “a escola pública, dado o seu caráter de instituição, possui uma organização que requer essencialmente troca ou compartilhamento de informações, sem o que não poderá cumprir o seu objetivo maior, que é educar.” (AMARAL, 2008, p. 21).

Inicialmente, é necessário observar se no dia a dia da escola os estudantes sentem a ausência da biblioteca na forma de um setor que proporcione conhecimento de acordo com o que os alunos sintam necessário, ou mais. Os estudantes podem não estar contentes com as ofertas da biblioteca por não possuir um acervo a elas direcionado. Este pode ser um dos vários motivos que afasta alunos da área de leitura, dentre outras possibilidades.

Os aspectos que tem potencial para ser melhorados em uma biblioteca podem ser divididos em pessoal, ambiente, coleção, disposição dos exemplares, atividades, aparelhamento e mobília. Geralmente a coleção é o que mais chama atenção, pois esta precisa ser atualizada periodicamente, diversificada e aumentada.

Os dispositivos também fazem falta tanto para os alunos como para os profissionais: computadores, internet e impressoras dariam muito mais incentivo a todos. O ambiente é bom que seja amplo, e que possua lugares diversos para leitura, pesquisa e outros tipos de trabalhos que costumam ser realizados pelos discentes.

As pessoas que trabalham na biblioteca precisam oferecer um bom atendimento, disciplinando também aqueles que não respeitam o local. É importante também que haja um número razoável de profissionais, para que o trabalho não fique sobrecarregado e acabe influenciando na falta de vontade de dispor de um bom trabalho.

Com relação ao mobiliário, quanto mais mesas melhor e, conseqüentemente, cadeiras. As atividades podem fazer aumentar o tempo de

devolução dos livros, incentivando uma leitura mais tranquila e compreensiva. Daí então prazerosa. Na disposição dos exemplares, quanto mais organizado melhor, pois facilita o encontro do aluno com aquele livro que o está esperando.

Há que se analisar também: “como o professor vem utilizando a biblioteca da escola pública? Qual a relação existente entre a atuação do professor, e o uso ou não que os alunos fazem da biblioteca escolar?” (GARCEZ, 2007, p. 1).

A bibliotecária Eliane Fioravante (2007, p. 1) numerou em uma pesquisa alvos determinados que devem ser perseguidos para obter um bom estudo de base sobre a biblioteca escolar:

- a) Conhecer as necessidades dos usuários; b) Identificar os tipos de materiais utilizados por alunos e professores; c) Averiguar se a coleção da biblioteca atende às necessidades dos usuários; d) Verificar como alunos e professores resolvem suas necessidades de leitura e de pesquisa; e) Verificar a frequência de utilização da biblioteca; f) Diagnosticar as razões da utilização e da não-utilização da biblioteca; g) Levantar sugestões, junto aos usuários, a fim de melhorar os serviços oferecidos pela biblioteca.

A mesma ainda cita a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como órgãos que entendem essencial “o envolvimento do bibliotecário escolar, no sentido de que este possa diagnosticar e apontar alternativas para que os objetivos da biblioteca sejam alcançados”.

É necessário ter um profissional que realmente se preocupe com o desenvolvimento do uso da biblioteca para que esta seja definitivamente importante e influenciadora como evolução do pensamento e da escrita dos estudantes.

É plausível pensar nas funções práticas, de administração e pedagogia daquele que cuida da biblioteca. Assim vem o comprometimento e encargo que todos os envolvidos com a escola tem, com o objetivo de que esta obtenha sustentabilidade e possibilidade de oferecer boas lições.

O Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar (2005, p. 3) dispõe que “o bibliotecário escolar é o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar”; embora saibamos que quanto maior envolvimento dos professores e dos outros partícipes da comunidade escolar, melhor para auxiliar no enriquecimento da linguagem dos alunos. Juntos, podem aumentar o número de opções para dinamizar a biblioteca e atrair o alunado.

É ideal que, ainda, o setor acolha a todo o grupo que faz parte da escola, sejam estudantes, seus responsáveis, docentes ou servidores; com um horário contínuo, do início da manhã até o fechamento da escola depois da última aula, todos os dias úteis da semana. Ainda, é importante o “compromisso da direção, da Associação de Pais e Professores (APP) e demais membros da comunidade escolar para que haja garantia de recursos à sua aplicação.” (GARCEZ, 2007, p. 3).

Juntando as forças do diretor escolar e do profissional da biblioteca pode-se garantir a criação de episódios em que se convidam autores, editores, livreiros, enfim, várias personalidades que trabalhem na área, inclusive órgãos do município, estado, até mesmo a nível nacional, para trazerem experiências e debates incentivadores da leitura. Os alunos podem interessar-se muito mais quando tem por perto experiências mais realistas da área literária.

A colaboração entre os funcionários responsáveis por este ambiente e os professores das disciplinas curriculares facilita e amplia as possibilidades de interesse dos jovens na leitura crítica. Como explana Eliane Fioravante Garcez (2007, p. 3):

As questões relacionadas ao desenvolvimento de coleções devem ser compartilhadas entre bibliotecário e professor, por meio do trabalho cooperativo, para que sejam coerentes com as necessidades de ensino-aprendizagem, com o perfil da instituição e adequados aos planos didáticos do professor.

O professor é muito importante como aquele que pode incentivar a ida à biblioteca. É no exemplo também que eles podem demonstrar como o setor pode trazer crescimento intelectual. Podem trabalhar com os alunos a partir de livros da biblioteca, além de revistas e jornais. Infelizmente, alguns professores não dão a ênfase necessária ao espaço, muitas vezes por pensar no seu acervo como incompleto. Não há esforço para aproveitar o que pode ser utilizado.

Felizmente, a interação do professor com a biblioteca vem aumentando ao longo dos anos. Aqueles que não costumam frequentar, pelo menos procuram indicar livros aos alunos. A maioria também faz sugestões de bibliografias para aquisição da biblioteca.

Eliane Fioravante (2007, p. 11), em sua pesquisa, conseguiu enumerar motivos pelos quais professores afirmam porque é importante a compra de novos livros:

a) Pela falta de literatura específica na área; b) Há uma sincronia entre a biblioteca e a disciplina, pois a bibliotecária preocupa-se em atualizar o acervo; c) Para facilitar aos alunos o acesso à leitura de livros e revistas sugeridas; d) Inovar é sempre preciso. Há sempre obras consagradas (clássicas e contemporâneas) que precisam estar no acervo de nossas bibliotecas. Muitas são específicas do vestibular e, às vezes, não são encontrados na biblioteca da escola; e) Em comum acordo com a bibliotecária, o acervo da disciplina é renovado e atualizado; f) Geralmente livros, principalmente os indicados para o vestibular; g) Para atualização e para atender às necessidades dos alunos, principalmente os dos 3<sup>os</sup> anos; h) Para que a biblioteca seja um ambiente bem equipado para apoiar o professor em sua prática didática; i) Indico quando percebo que a biblioteca não tem alguma obra que julgo interessante para professores e alunos; j) Acredito que a renovação da leitura é fator gerador de conhecimento; k) Para melhoria do material de pesquisa para os alunos; l) Quando considero o livro de suma importância para os alunos, indico a compra.

Assim, observa-se que existem muitas justificativas que demonstram a real necessidade de oferecer o maior nível de importância para a biblioteca escolar. A bibliotecária, especialista em Gestão de Bibliotecas, juntou ainda os motivos alegados pelos professores que não procuram incentivar aquisição de novos livros na biblioteca:

a) Tenho informação que [a biblioteca] não tem dinheiro para comprar livros; b) Trabalho de maneira a buscar livros já existentes no acervo da biblioteca; c) Os livros que em geral são necessários para as pesquisas estão disponíveis na biblioteca, apesar de o número de exemplares ser reduzido; d) Não sabia que podia fazê-lo; e) Por total falta de tempo de conversar com a bibliotecária e conhecer o acervo; f) Por achar que fica a cargo da bibliotecária; g) Faço doação de muitos livros de editoras no final do ano. (GARCEZ, 2007, p. 12)

Sabemos que a maioria dos livros que os professores recebem de editoras são livros didáticos. Estes que não são tão procurados pelos alunos, principalmente pelo fato de que estes também já recebem seus próprios livros.

Os didáticos que os professores doam somente servirão para pesquisas específicas, mas não para o incentivo à leitura propriamente dita. Se todos os professores resolverem fazer este tipo de doação, a biblioteca ficará defasada e cheia de livros que não despertam o interesse do alunado.

BARRETO (2008, p. 1) traduz: “[...] os livros que se encontram na biblioteca diversas vezes estão em péssimas condições de uso. Muitos são doados

pelos próprios professores que, querendo se livrar do ‘entulho’, depositam-nos como doação.” Ou seja, a maioria dos professores também não tem o costume de levar os estudantes até a biblioteca. É crucial desenvolver este tipo de atividade para que eles recebam orientação nas tarefas da escola, para que conheçam as diversas formas de texto e possam usar isso na composição dos seus próprios. De maneira geral, quanto mais o aluno tiver contato com a leitura, melhor.

Muitas justificativas são apresentadas pelos que não fazem uso deste hábito: a área é reduzida e não permite levar uma turma inteira; a mudança de um local para outro toma tempo de aula, inclusive da próxima; por não conter acervo utilizável; por preferirem mandar atividades para casa; por não terem proximidade com os livros da disciplina existentes na biblioteca e ter escasso tempo de aula na semana. Fioravante (2007, p. 12) resume:

[...] os fatores da não utilização da biblioteca por parte dos professores se resumem na falta de tempo; a coleção da Biblioteca não tem correspondido em qualidade e quantidade às necessidades dos usuários; a existência da Biblioteca e do Bibliotecário não tem sido suficientes para garantir a satisfação dos usuários que utilizam seus serviços [...]

Desta forma, quem realmente se interessa, que são poucos, acabam procurando outras bibliotecas na cidade, que nem todas as vezes oferece a solução procurada. Mas aqueles que não tem curiosidade acabam no prejuízo, pois ficam sem receber incentivos para aprender a incluir os livros em suas vidas.

Portanto, é necessário canalizar mais investimentos para este setor. Isso é função de todos: profissionais, professores, diretores, governo, comunidade. Estes são responsáveis pelo aumento das visitas à biblioteca.

Felizmente, a maioria ainda indica que os alunos peguem livros na biblioteca. As recorrentes indicações de melhoras para a biblioteca, apontadas pelos professores são: aumento e diversidade dos materiais (livros, revistas, jornais, interativos); autorização para uso da internet; crescimento da área com divisórias para as diversas ações.

É bom lembrar que muitas vezes a biblioteca nem possui um espaço próprio, divide-o com outros setores e, conseqüentemente, o ambiente torna-se inadequado por questões de barulho e área. Certas vezes a biblioteca se torna lugar

somente para empréstimos, não para estudos. Como expõe Cintia Barreto (2008, p. 1):

não raras vezes a biblioteca fica num canto escondido da escola. Um local pouco arejado, úmido, mal-iluminado, desconfortável e apertado. Para agravar a situação, muitas escolas dissociam a sala de leitura da biblioteca, apresentando-as como lugares distintos, quando deveriam estar num único espaço. Nesse sentido, a biblioteca em si não passa de um 'depósito de livros'.

Enfim, com alguns exemplos já citados, observa-se que há muitas possibilidades que podem ser implantadas na biblioteca para uní-la aos profissionais e alunos, fazendo com que estes desenvolvam de maneira mais prazerosa a sua cultura, o seu vocabulário, a sua linguagem e redação. Cintia Barreto (2008, p. 2) completa: “[...] é necessário pôr em prática todas as estratégias de incentivo à leitura, a fim de aumentar a frequência na biblioteca escolar.”

Dentre estas opções, pode-se tornar a organização dos livros mais eficiente e atrativa, separando temas e tipos de leitura, por exemplo. Principalmente quando o funcionário percebe quais os mais procurados, que devem tomar lugar de destaque nas estantes, possuindo indicativos e catálogos que facilitem o encontro do aluno com seu livro procurado. Segundo BARRETO (2008, p. 3):

é imprescindível que o usuário possa manusear diversos tipos de livros e conhecer diferentes gêneros textuais. Para que seja possível fazer novas descobertas, o usuário deve poder procurar os livros nas estantes. Dessa forma, ele irá não apenas encontrar os livros indicados pelos professores em sala de aula como também poderá descobrir um mundo de possibilidades de leitura. A organização dos livros nas estantes deve ser facilitada por um sistema simples de catalogação – que deve ser um aliado dos usuários e não mais um empecilho entre um indivíduo e o acesso aos livros. O sistema de cores geralmente é o mais utilizado nas bibliotecas escolares.”

Mais um detalhe que traz consequências bastante positivas é a qualificação dos profissionais que trabalham na biblioteca. Muitas vezes não é possível ter um(a) bibliotecário(a) de carreira na escola, mas é possível que o funcionário tenha oportunidade de se qualificar, fazendo cursos ou especializações. O mais importante é que este esteja disposto a atender os alunos e professores da melhor forma.

Quanto mais tempo tiver para se dedicar aos cuidados da biblioteca, mais presente esta pode se tornar na vida escolar. Alguém que realmente goste dos livros e da leitura fará a diferença, dando exemplo aos frequentadores do ambiente e incentivando os não frequentadores a visitarem mais vezes o local.

Com um profissional dedicado, outras vantagens e melhorias na biblioteca irão surgir. Ele pode ser responsável por formular um espaço confortável e atrativo aos alunos; desconstruindo aquela antiga concepção de um lugar sem ânimo, mal iluminado, insalubre e que não faz parte da vida escolar. “O profissional da biblioteca é responsável por sua gerência adequada, dinâmica e qualitativa. Deve conquistar os novos, potenciais e reais leitores para que ela possa contribuir no processo de formação do aluno.” (AMARAL, 2008, p. 38)

O acervo poderá ser atualizado, com uma boa “limpeza” para retirada de livros antigos e inservíveis, dando espaço aos mais atualizados e de interesse dos usuários. Realizar também a triagem das doações recebidas, visto que nem sempre todos os exemplares doados são úteis, de acordo com o público alvo. É importante haver não somente didáticos, mas da mesma forma, literários clássicos e atuais.

O profissional da biblioteca pode também criar um sistema de empréstimo que supra toda a comunidade escolar, inclusive a família dos alunos, pois estes podem se sentir mais incentivados tendo em casa exemplos de pessoas que se interessam pela leitura e nela encontram lazer, cultura, distração e conhecimento.

O horário que a biblioteca se mantém disponível para acesso deve ser compatível com o das aulas e do intervalo. O ideal é que esteja sempre aberta, com sistemática de revezamento de funcionários para participar de todas as atividades escolares.

Realizar atividades diferenciadas pode atrair os alunos a frequentarem mais e permanecerem na biblioteca. Conseguir a presença de algum autor pode despertar o ânimo de conhecer suas obras. Promover a conversa entre este e os alunos contribui também na interpretação de histórias e compartilhamento de opiniões.

Textos que não fazem parte do costume de leitura dos estudantes podem ser apresentados de forma criativa, para que os vejam com outros olhos, despertando maior interesse pelo diferente e, conseqüentemente, aumentando o leque de formas textuais conhecidos aos estudantes. BARRETO (2008, p. 5) completa:

Assim, são imprescindíveis atividades como contação de histórias, rodas de leitura, cirandas, concursos de poesias, contos e crônicas, encontros com escritores, ilustradores e especialistas em literatura. É importante também levar os alunos a visitar bibliotecas públicas e livrarias. Isso possibilita a reflexão acerca da organização do acervo, da multiplicidade de autores e estilos e do zelo pelo material da biblioteca, bem como a conduta de liberdade e respeito dentro dela.

Ainda, o funcionário pode desenvolver um momento para encarnar um guia de turismo, que irá apresentar toda a biblioteca, com seus detalhes e seções, seus textos e gêneros aos alunos. Isso facilita o manejo e a intimidade destes com o local. Os professores podem indicar certos livros e pedir que os estudantes os encontrem nas prateleiras.

Tal iniciativa pode ser utilizada da mesma forma para descoberta de leituras mais antigas, sejam estes romances, poesias, biografias, contos, dentre outros. Após, os alunos pesquisarão mais aprofundadamente sobre a época em que o exemplar foi elaborado, quem o escreveu e a obra em si. É uma atividade que valoriza o acervo.

Pode ser determinado um momento para troca de livros entre os alunos, pois estes possuem alguns em casa, mas não os utilizam mais. É oportunidade para ter acesso a novas histórias e compartilhar suas opiniões e críticas que serão confeccionadas em forma de carta ou redação, que todos tenham acesso, com indicação ou não da leitura e suas justificativas para cada opção.

Incentiva-se também a elaboração de obras dos próprios alunos, contando suas histórias, ou escrevendo ficções. Estas serão confeccionadas em moldes de livros e farão parte do acervo escolar, que terá o privilégio de possuir autores que já estudaram na escola.

Os alunos, com auxílio dos professores de português, literatura e artes, por exemplo, podem escrever poesias, e a diretoria da escola pode auxiliar na confecção dos livretos. Da mesma forma, esta atividade pode ser incentivada quanto à feitura de histórias em quadrinhos; com histórias inéditas criadas pelos jovens, ou mesmo versões de obras já existentes. Para a Declaração Política da IASL sobre bibliotecas escolares (1993, p. 1), “Um programa planejado de ensino de competências de informação em parceria com os professores da escola e outros educadores é uma parte essencial do programa das bibliotecas escolares.”

Nesse caso, a biblioteca e os funcionários que a compõem podem contribuir para o desenvolvimento da comunicação dos alunos, enriquecendo o vocabulário e incentivando leituras cada vez mais frequentes. Percebe-se que criar esforços para pôr em prática todas as opções de dinamização da biblioteca, dentre outras que também sejam criadas pela comunidade escolar, somente trará benefícios aos estudantes e evolução de seu aprendizado, fazendo com que cada vez mais a biblioteca influencie no desenvolvimento formativo da linguagem e comunicação de futuros profissionais, além da cultura e conhecimento adquiridos.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho monográfico teve como intenção analisar a verdadeira necessidade de haver uma maior atenção quanto à participação da biblioteca escolar na vida e cotidiano dos jovens estudantes, tendo em vista o âmbito do atual desenvolvimento de suas atividades na escola.

Para tal, foram abordados os aspectos históricos da linguagem e comunicação que fazem parte do hábito estudantil, bem como de suas estruturas e organização.

Diante dos estudos bibliográficos, juntamente com a percepção tomada da atual situação bibliotecária no Brasil, entendeu-se a tamanha relevância tanto da atividade dos profissionais que nela trabalham diretamente, quanto dos professores e gestores escolares, nestes estabelecimentos.

Desta forma, enxergou-se a grande importância da união das atividades das duas áreas, para o melhor andamento da evolução estudantil.

Constatou-se ainda, que os problemas apresentados na estrutura das bibliotecas são antigos. Há um grande histórico que permite concluir que vem de longe, senão todos, a maioria dos “defeitos”, criticados por alguns educadores.

Assim, foi demonstrado que o tempo tratou de deixar impregnado na educação, as lembranças das ações que lhe permitiu o mau uso do ambiente aqui tratado.

A biblioteca, além de sua atribuição principal, só faz contribuir com a evolução positiva da linguagem, cooperando e idealizando ações que sejam executadas da forma mais proveitosa e sem desvios, ajudando assim a traçar um bom caminho dentro da comunidade escolar.

Justificativas para um aproveitamento defasado foram apuradas e observou-se que a maioria delas vem dos professores das disciplinas, pois alegam ser complicada a utilização em vários fatores.

Porém, o estudo comprovou, com toda a investigação estudada, que a utilização da biblioteca só faz bem aos alunos, pois esta não precisa estar subordinada às funções ilegítimas que alguns querem a ela atribuir.

As desculpas se tornam palpáveis pelo fato de a estruturação acerca do local ser insuficiente e abrir várias lacunas em relação ao seu objetivo. Diante disto, foi levantada a seguinte questão: não será demasiado relevante estudar como seria a melhor forma de gerenciar a associação entre professores, alunos e biblioteca?

Feitas as pesquisas, percebeu-se que o questionamento não é se deve ou não haver uma melhora na estrutura, pois este, mesmo também sendo demonstrado na pesquisa, é observável e desejado por todos; mas que fossem criadas possibilidades capazes de pôr fim às discussões antigas relativas ao que seria o trabalho das pessoas dedicadas à este ambiente, ou seja, o que estas podem ou não fazer, diante das divergências demonstradas.

Mostrou-se uma relação bastante estreita entre a linguagem e a comunicação, pois esta necessita do desenvolvimento daquela, para promover o melhor entendimento das informações; e a biblioteca, por sua vez, pode melhorar o desempenho do vocabulário, acatando as sugestões fornecidas por todos que participam da vida escolar.

As conclusões aqui demonstradas basearam-se, além das opiniões de autores relacionados, de críticas de profissionais atuantes tanto nas bibliotecas, quanto na escola como um todo. Ainda, a análise também foi viabilizada pelo estudo histórico daquela; o que nos leva a entender como ela chegou aos dias de hoje com as evoluções vistas.

Diante das pesquisas expostas, procurou-se chegar à solução do problema apresentado fazendo uso dos métodos dedutivo, procedimento histórico e monográfico, além da técnica bibliográfica.

Enfim, é impreterível deixar evidente a relevância da qual se banha esta situação, pois além da visível atualidade do assunto, visto a importância de uma educação bem instruída, trata-se de parte inerente aos estudos.

É edificante mover à superfície esta questão, pois se observa o difícil exercício da biblioteca, que fica de mãos atadas muitas vezes diante da escassez de subsídios e da dificuldade de encontrar espaço para compor um local que dê apoio, ficando os profissionais sem muitas opções de atividades.

Afinal, elaborando uma pesquisa apropriada, é permitido aos funcionários da biblioteca e aos professores, conjuntamente, desenvolver táticas que direcionem os jovens a ler mais e melhor, ou seja, gerar prazer pela leitura, bem como fazer com que esta obtenha interpretações críticas e construtivas.

## REFERÊNCIAS

**A linguagem dos jovens.** 20 mai. 2005. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/27/481332/linguagem-dos-jovens.html>> Acesso em: 12 fev. 2014.

AMARAL, Renilda Gonçalves do. **A função da biblioteca pública escolar no contexto da formação integral do educando.** Brasília: UnB, 2008.

ANGELO, Claudio. **Cientista vê limite em linguagem animal.** São Paulo: Folha.com: 19 fev 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1902200801.htm>> Acesso em: 22 jul 2014.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Curso de capacitação para dinamização e uso da biblioteca pública.** São Paulo: Global, 2000.

BARRETO, Cintia. **Biblioteca escolar: ranços e avanços.** I Encontro Regional de Bibliotecas, Araruama/RJ, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0190.html>> Acesso em: 17 fev. 2014.

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional.** CRB-8 Digital, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>> Acesso em 17/02/2014.

BORBA, M. S. de A. **Adolescência e leitura: a contribuição da escola e da biblioteca escolar.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19. 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Riograndense de Bibliotecários, 2000. 1 CD-ROM.

**CADA vez é mais reduzido o vocabulário dos adolescentes.** Metamorfose digital. 04 abr. 2008. Disponível em: <[www.mdig.com.br/?itemid=2511](http://www.mdig.com.br/?itemid=2511)> Acesso em: 12/02/2014.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures.** Hague: Mouton, 1957.

CIÊNCIA HOJE. **A origem da linguagem humana.** 19 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=48580&op=all>> Acesso em: 17/07/2014.

**ENCONTRADO em Jerusalém o documento escrito mais velho da História.** Estadão. 14 jul 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,encontrado-em-jerusalem-o-documento-escrito-mais-velho-da-historia,581057>> Acesso em: 21/01/2014

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Avaliação de coleções e estudo de usuários**. Brasília: ABDF, 1979.

FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Linguagem**. In: Dicionário de Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009.

GARCEZ, Eliane Fioravante. **Avaliação de uso como indicador para a gestão da biblioteca escolar: estudo de caso**. Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 59-73, jan/jun, 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/493/635>> Acesso em: 17/02/2014.

HOUAISS, Antônio. **O que é língua**. São Paulo: Brasiliense: 1991.

INTERNACIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANSHIP (IASL). **Declaração Política da IASL sobre bibliotecas escolares**. Revisado em 1993. Disponível em: <<http://migueloliveira.web.simplesnet.pt/declaracaoiaslsobrebibescolares.htm>> Acesso em: 18 fev. 2014.

KUHLTHAU, Carol Collier. **O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem**. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999 (p. 9-14). Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. São Paulo: Ática, 2008.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma Introdução**. São Paulo: LTC, 1987.

MACHADO, Geraldo Magela. **História da Comunicação Humana**. Info Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/historia-da-comunicacao-humana/>> Acesso em: 01 set. 2014.

**MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2014.

MENICONI, Tadeu. **África teria sido berço de toda linguagem humana**. São Paulo, G1: 15 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/04/africa-teria-sido-berco-de-toda-linguagem-humana.html>> Acesso em: 11 jul. 2014.

OTHERO, Gabriel; MENUZZI, Sérgio. **Linguística computacional – Teoria & prática**. São Paulo: Parábola, 2008.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RIBEIRO, Bruno; AQUINO, Agda. **Não é errado falar assim: uma análise do discurso de Alexandre Garcia sobre o livro Por uma Vida Melhor**. Intercom

(Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 set. 2011.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando.** Trans-informação, São Paulo, v.6, n.1/2/3, p. 60-73, jan./dez. 1994.

RIBEIRO, Simone Nejaim. **Um estudo sobre o vocabulário das revistas destinadas aos adolescentes.** VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Série VII, nº. 06 – Léxico e Semântico. Rio de Janeiro: UERJ, 25 a 29 de agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/cadernos06-22.html>> Acesso em: 12 fev. 2014.

SCHWARTSMAN, Hélio. **A Gramática Universal.** Folha.com. Pensata, 03 ago. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartzman/ult510u356184.shtml>> Acesso em: 20 jul 2014.

TOMÁS, Ana. Internet. **Os ratos de biblioteca estão diferentes.** Jornal i online. 10 ago. 2013. Disponível em: <[www.ionline.pt/artigos/portugal/internet-os-ratos-biblioteca-estao-diferentes](http://www.ionline.pt/artigos/portugal/internet-os-ratos-biblioteca-estao-diferentes)> Acesso em: 08 ago. 2014.

VEJA. **A explosão da linguagem.** Edição especial: Sua Criança do nascimento até os cinco. São Paulo: 13 de maio de 1998.

VILARINHO, Sabrina. **Linguagem Verbal e Linguagem Não-Verbal.** Brasil Escola. 2008. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/linguagem.htm>> Acesso em: 21 jan. 2014.